



Revista Archai

E-ISSN: 1984-249X

archaijournal@unb.br

Universidade de Brasília

Brasil

Figueira da Silva, Markus

UM BANQUETE FRUGAL: A INFLUÊNCIA SOCRÁTICO-PLATÔNICA EM EPICURO

Revista Archai, núm. 9, julio, 2012, pp. 117-122

Universidade de Brasília

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=586161971014>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

UM BANQUETE FRUGAL: A INFLUÊNCIA SOCRÁTICO-PLATÔNICA EM EPICURO

*Markus Figueira da Silva**

SILVA, M. F. (2012). "Um banquete frugal: a influência socrático-platônica em Epicuro". *Archai* n. 9, jul-dez 2012, pp. 117-122.

RESUMO: O presente artigo trata da influência socrático-platônica sobre o pensamento de Epicuro, evidenciando um vocabulário comum à ética grega antiga, a saber: as noções de *logismós*, *phrónesis*, *hedoné* e *philia*. Tais noções são examinadas no contexto da Carta a Meneceu, das Máximas Principais e das Sentenças Vaticanas.

PALAVRAS-CHAVE: Epicuro, platonismo, Carta a Meneceu, *phrónesis*, *hedoné*, *philia*.

ABSTRACT: The present article centers around the Socratic-Platonic influence on Epicurus' thought, evidencing a common vocabulary of ancient Greek ethics, that is: the notions of *logismós*, *phrónesis*, *hēdonē* and *philia*. Such notions are examined in the context of the Letter to Menoeceus, the Principal Doctrines and the Vatican Sayings.

KEY-WORDS: Epicurus, Platonism, Letter to Menoeceus, *phrónesis*, *hēdonē*, *philia*.

* Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Este artigo tem a finalidade de mostrar algumas semelhanças que, evidenciadas, dão unidade e coerência ao pensamento grego numa determinada relação possível no universo da ética grega antiga. Sem desprezarmos as diferenças que, geralmente, são apontadas entre Epicuro e Platão, optamos por expor a influência socrático-platônica e também de outros pensadores contemporâneos daquele, sobre a elaboração do pensamento ético de Epicuro.

Para apresentarmos alguns indícios dessa influência, analisaremos quatro conceitos que, quando articulados, expõem a noção grega de moderação, propagada nos textos de Platão e depois nos de Aristóteles, como elementos para pensar a medida do agir. São eles: *logismós*; *phrónesis*; *hedoné* e *philia*. Ainda que tais noções já estejam presentes na tradição mais remota da filosofia e da poesia grega, é a partir do legado de Platão que elas são apresentadas como problemas, ou questões a pensar. Epicuro na sua ética mostrar-se-á tributário das definições presentes na obra desses filósofos a ponto de servir-se delas na elaboração do seu pensamento, contudo, Epicuro as pensa a partir da sua condição de vida e do seu tempo, tendo em vista o modo de vida que desenhou e logrou realizar. O que pretendemos dizer é que o pensamento de Epicuro se insere nesta tradição helênica por utilizar um vocabulário

comum a Platão e Aristóteles e que encontramos também em outros pensadores dos séculos IV e V a.C.¹ para pensar problemas que dizem respeito à vida social dos homens e aos modos pelos quais ela pode ser realizada. Neste sentido, as definições e as aporias, isto é, os problemas que permanecem na filosofia antiga são exercícios para pensar, mas também fazem parte da realidade efetiva vivenciada pelos filósofos.

A expressão “um banquete frugal” é uma metáfora para expor um pensamento sem muitos adornos, sem homenagem ao deus, sem comemoração de vitória em concursos de tragédias. Não acontece na casa de um aristocrata, nem tem como participes personagens históricos, homens notáveis reunidos num evento que se passou há algum tempo. É uma maneira de mostrar que a filosofia perseverou por ser um *logos*, uma maneira de compreender e lidar com as questões próprias dos homens e das suas vidas. Um banquete num jardim, uma comemoração da vida que há para viver. A lembrança dos que foram importantes pela amizade e pela sabedoria e a celebração dos que estão vivos, vivendo a efetividade do momento, buscando livrar-se dos temores infundados e dos valores considerados não naturais e buscando também, por meio de uma conduta filosófica, escapar à ignorância. A frugalidade ética se opõe ao desperdício político. No jardim, a filosofia é um modo de vida, uma prática comunitária, uma atividade socrática de busca em conjunto do conhecimento. A filosofia também vê no *logos* um *phármakon* da alma, que pode nutri-la, equilibrá-la e tranquilizá-la mediante o esclarecimento e o discernimento daquilo que realmente importa para a realização da vida feliz. Começaremos pelo *logismós*.

Logismós

O *logimós*, ou cálculo, raciocínio, ou ainda “mecanismo” ou “instrumento” do pensar é, para Epicuro, o que torna possível a elaboração do pensamento (*diánoia*). É também o que possibilita as analogias que conduzem o pensamento desde as impressões sensíveis às elaborações de explicações sobre tudo o que não é percebido pelos sentidos.

Trata-se, portanto, de um conceito fundamental para entender o papel do pensamento na deliberação acerca do modo de vida do homem no mundo, uma vez que ele calcula, ou mensura, o alcance e o limite da ação humana, ou seja, é através da reflexão que se dá a medida do agir.

Sempre que Epicuro se refere ao exercício do pensamento ou reflexão, o termo utilizado é *logismós*, pois entende o exercício como ato de pensamento, ou operação do pensamento. É sempre a partir do *logismós* que se julga, ou delibera, e a ação subsequente expressa uma sabedoria (*phrónesis*), que é na prática, capacidade de discernir, de escolher e de recusar. Podemos identificar em diversas passagens do texto de Epicuro, o uso deste termo com efeitos de cálculo, direcionamento da ação, operação com analogias, etc. As seis passagens, a seguir, mostram estes usos:

“Com efeito, a existência de corpos é atestada em toda ocasião pelos sentidos, e é neles que o logismós deve basear-se para conjecturar acerca do sensível” (DL, X, 39).

“É preciso ainda compreender que a natureza tem recebido ainda das realidades mesmas um ensinamento múltiplo e variado... e que mais tarde o logismón introduziu precisões e acrescentou descobertas ao que a natureza transmitiu, em certos casos mais rapidamente, em outros mais lentamente, em certos períodos e momentos alcançando progressos maiores, em outros menores” (DL, X, 75).

“As causas dos males praticados pelos homens são o ódio, a inveja e o desprezo, que o sábio domina por meio do logismós. Aquele que se torna sábio uma vez nunca mais assumirá nem fingirá assumir voluntariamente uma atitude contrária” (DL, X, 117).

“Não é a sucessão ininterrupta de banquetes e festas, nem o prazer sexual com meninos e mulheres, nem a degustação de peixes e outras iguarias oferecidas por uma mesa suntuosa que proporciona a vida agradável, e sim o nephón logismós (cálculo sóbrio) que investigue as causas de toda a escolha e de toda a rejeição e elimine as opiniões vãs por obra das quais um imenso tumulto se apossa das almas” (DL, X, 132).

“Raramente o acaso atinge o sábio, pois as coisas principais e fundamentais têm sido governadas pelo

1. Nos séculos V e IV a. C. diversos pensadores médicos se ocupam com a conduta dos indivíduos. Destacam-se como principais influências de Epicuro o pensamento de Empédocles, Anaxágoras e Demócrito. Além deles, os tratados hipocráticos.

logismós, e por todo o curso da vida o governa e o governará” (DL, X, 144).

“O tempo infinito contém o mesmo prazer que o tempo finito, se os limites do prazer são calculados (com o **Logismós**)” (DL, X, 145).

O uso do termo *logismós* dá sentido e linearidade à psicologia epicúrea, na medida em que busca explicitar os agenciamentos das imagens discursivas, que representam tanto as realidades aprendidas pelos sentidos, quanto às apreendidas pelo pensamento. A tentativa de mostrar como a alma opera o conhecimento, ou o modo como o pensamento é elaborado, denota a relevância dessas explicações para uma *physiología* da alma.

Vejamos agora como se articulam *logismós* e *phrónesis* para engendrarem uma capacidade de medir, ponderar, dimensionar. A *phrónesis* é a expressão máxima dessa medida, que se traduz por sabedoria, ou melhor, por exercício da sabedoria.

b) Phrónesis

Epicuro utiliza o termo *phrónesis* num sentido muito similar àquele desenvolvido por Aristóteles, ou seja, como sabedoria prática. Ele atribui à *phrónesis* a primazia na realização da vida filosófica, ou sábia. A *téchne* é o modo de ação e a filosofia é o exercício desse saber (*téchne*) em torno da vida (*techne tis peri ton bión*). Assim, a *phrónesis* é o exercício prático da sabedoria (*epi dè philosophias*) e, num sentido abrangente da atividade filosófica coincide com a própria filosofia.

Há uma passagem na Carta a Meneceu (DL, X, 132), onde Epicuro utiliza o termo *phrónimos* para significar aquele que detém uma sabedoria no agir. É um momento em que fica clara a influência socrático-platônica, pois aproxima e faz co-pertencer a um mesmo acorde *phrónimos*, *kalós* e *dikaiós* (o sábio, o bom e o justo). Tais noções fundam uma série de relações no pensamento antigo e se mantêm coesas no texto de Epicuro. É ao mesmo tempo uma *dynamis* e uma possibilidade do pensamento, quando este exerce o seu poder de escolha e de recusa. Epicuro considera que se pode escolher o que é ponderadamente refletido e recusar o que

não é necessário, nem conveniente (*sýnpheron*). A condição da *autárcheia* é agir aliando o *logismós* e a *phrónesis*, pois a *phrónesis* age na triagem dos desejos que se quer e que se pode realizar, na medida em que confere uma medida natural para o bem-estar e para o prazer. A *phrónesis* é moduladora das ações e dos desejos naturais e necessários que nos conduzem aos prazeres.

Outra consequência da primazia da *phrónesis* no exercício da sabedoria é que o esforço de pensar a *phýsis* e o equilíbrio sereno diante do que pode causar temores provoca a agradável *ataraxia*, um bem-estar (*eustatheia*). Epicuro traça a imagem da vida filosófica como vida autárquica e dá ao pensamento uma *dynamis*, a realização da conduta de acordo com a natureza, ou do que se adquire com a *physiología*. O que perturba, enfraquece, escraviza é a ignorância, que gera temores e opiniões vazias. Viver segundo a natureza, aqui quer dizer, viver segundo a compreensão que se pode ter da *phýsis*. A *physiología* é um exercício para escapar à ignorância e não a substantivação da natureza, como uma noção estática, científica: “É pela ignorância dos bens e dos males que a vida dos homens é em grande escala perturbada; e por causa desta errância eles frequentemente se privam dos prazeres e se torturam com as mais cruéis dores da alma”.²

“Um entendimento correto dessa teoria permitir-nos-á dirigir toda a escolha e toda a rejeição com vistas à saúde do corpo e à tranquilidade da alma, pois isso é o se que pode supremamente realizar na vida” (DL, X, 128).

“Quando então dizemos que o prazer é o fim (...) por prazer <entendemos> a ausência de sofrimentos no corpo e a ausência de perturbação na alma” (DL, X, 131).

Outra herança do Sócrates de Platão é a tematização do prazer (*hedoné*). Mesmo que ela se mostre vinda dos cirenaicos, principalmente de Aristipo, a análise do texto epicúreo traz uma contraposição aos cirenaicos, na medida em que estabelece discernimentos e se vale da *phrónesis* para a matização dos prazeres. Reconhecemos aí a influência socrático-platônica, mantida por Aristóteles e reverberada em Epicuro.

2. CÍCERO, De Finibus, I, 13, 42.

c) O prazer

O que queremos pôr em evidência nessa temática difícil e de diferentes abordagens interpretativas é a questão do prazer ligada por um lado à questão dos sentidos, das sensações e, por outro lado, à questão dos desejos, ou dos apetites. Contudo, sendo natural, o prazer é o que nos realiza e nos faz bem. Escolhemos, de preferência, aquilo que nos agrada, ou o que é prazeroso, e fugimos (de), ou evitamos aquilo que nos agride, ou nos deixa vulneráveis a dor.

Escolher o prazer como o bem é viver intensamente os sentidos, mas o que é intenso não precisa ser imoderado. Epicuro naturaliza o prazer, mas não o neutraliza. Acredita numa medida natural de realização do prazer, como estado de equilíbrio, ou bem-estar. O prazer tem um fim em si mesmo, isto é, no ato prazeroso a finalidade é imanente à ação. Não deve ser passível de censura aquele que admitir e propagar que o que é agradável é bom e o que é desagradável é ruim. A sabedoria está em não ter opiniões vãs sobre o que é agradável, pois nesse caso não se sabe o prazer, pois deixar-se mover pela opinião vã é agir ignorando a natureza do objeto da ação. O problema reside na ignorância, pois o prazer obtido a partir do discernimento é o maior dos bens, ou o bem por excelência. As críticas epicúreas aos cirenaicos estão centradas na desmesura com que estes buscavam e idealizavam o prazer. Mais uma vez, a *phrónesis* é moderadora dos apetites (desejos) e esclarecedora das medidas de realização plena dos prazeres. A *phrónesis* se opõe a *hamartia* e a *híbris*, assim como o prazer se opõe às opiniões falsas sobre o que é agradável. Diz Epicuro:

"E assim como em seu alimento (o sábio) não escolhe o maior quantitativamente, mas o mais agradável, assim também do tempo (de viver) não escolhe o maior fruto, mas o mais prazeroso"

"O prazer é o princípio e o fim da vida feliz. O prazer é o nosso bem primordial e congênito e, partindo dele, movemo-nos para qualquer escolha e qualquer rejeição, e a ele voltamos usando como critério de discriminação de todos os bens as sensações de prazer e de dor" (DL, X, 128-29).

O que fez Epicuro quando elegeu o prazer como o Bem por excelência foi atribuir à sensação o primado sobre a compreensão da realidade e, mais ainda, definir o prazer como medida plena de realização do homem no mundo, porém é preciso explicitar como se dá esta compreensão e a que medida o prazer responde positivamente.

Em primeiro lugar, o pensamento é um efeito das relações sensíveis e das analogias que nos fazem perscrutar o que é *adelon* (invisível), mas pode ser inteligível. Epicuro nos fala de *He phantastikè epibolés tès diánoias*, que são projeções (saltos) imaginativa (o)s do pensamento. Elas se dão por analogias às operações com os dados sensíveis, mas nos remetem a pensar nos níveis microfísicos e macrofísicos. Há uma relação direta entre sentir, pensar e agir, que estabelece a continuidade entre a *physiología* e a ética nos textos aqui examinados. Assim, as sensações dão origem ao pensamento, que por sua vez é o princípio do agir; isso faz pensar que as deliberações movidas pelo pensamento objetivam a realização do bem-estar experimentado pelos sentidos. Epicuro não distingue bem-estar (*eustatheía*) de estado de prazer duradouro (*hedoné katastematicé*). A manutenção do equilíbrio interno e externo do homem está diretamente relacionada à deliberação e a consequente ação realizada por cada um. Tendo em vista o prazer, Epicuro busca um modo de vida no qual os desejos e apetites que movem natural e necessariamente os indivíduos, tenham uma medida que realize a vida de modo satisfatório e equilibrado. Ele considera desejável e exequível este estado sem perturbação e sem sofrimento. Este estado é buscado como modo de realização do prazer, o que faz com que a vida filosófica seja a via preferencial para a realização dos desejos naturais e necessários e para a obtenção de prazeres que não têm como consequência a dor. Para tal, parte do princípio segundo o qual prazer e dor se excluem e, mais que isso, não há estado intermediário entre eles, ou estado neutro, no qual não se sente prazer nem dor.

O prazer e o movimento que o realiza fez com que Epicuro estabelecesse uma diferença em relação à concepção cirenaica de *hedoné*. Para eles, nem a ausência de dor, a *aponía*, nem a imperturbabilidade da alma, a *ataraxia*, podem ser considerados estados

de prazer. O prazer é um estado que se opõe à dor e difere da neutralidade. Diógenes Laértios comenta: "No que concerne à ausência de dor pleiteada por Epicuro, eles (os cirenaicos) declaram que isto não é prazer, assim como a ausência de prazer não pode ser considerada dor" (DL, II, 89).

Outro ponto de discordância de Epicuro em relação a Aristipo é a admissão da diferença entre os prazeres pela distinção que faz entre opiniões vãs sobre o prazer e o pensamento, em que se sabe discernir, ponderar e moderar o prazer, para que ele não tenha como consequência a dor, esta também ignorada quando se age a partir das *kenon doxai*.

Epicuro centrará a sua crítica na demonstração de que o prazer é constitutivo, isto é, que se inicia como movimento, mas a sua finalidade é tronar-se estável. *Hedoné cinetiké* e *Hedoné Katastematiké* configuram um mesmo movimento de prazer, que tende naturalmente a uma espécie de serenidade, de apaziguamento das volições. Quando inicia o movimento de suplantar a dor, o corpo produz o seu próprio prazer, que depois será rememorado pela alma. É o prazer em movimento, que depois de saciado o desejo, torna-se sereno, alcançando a *eustatheia*, o bem-estar ao mesmo tempo no corpo e na alma, contudo a alma guardará as sensações prazerosas, transformando-as em sentimentos (*prolepseis*), ou impressões sensíveis. A rememoração dos prazeres vividos produz um estado de alegria, de segurança e de bem-estar. Dizemos nestes momentos que estamos bem e que tudo é muito agradável. São os prazeres da alma. Além disso, esses prazeres já sentidos e agora rememorados invadem a imaginação e projetam os prazeres vindouros, tornados possíveis pela memória. É uma maneira afirmativa de viver, esperar (projetar) gozar no futuro.

O sábio epicurista já estabeleceu a medida do agir e retira da vida todo prazer que consegue e evita todo o sofrimento desnecessário, agindo a partir de si mesmo, ou exercendo a sua *autárcheia*, mas a vida boa (*I*) só se realiza mediante o contínuo exercício da sabedoria que conduz as relações de reciprocidade. Cada indivíduo, pelo modo de vida que exerce, quer agregar-se num corpo múltiplo, numa molécula social. Epicuro, como os que o

antecederam, privilegiará a *philia* como o modo de vida natural e necessário, próprio da *I*.

d) *Philia*

A *philia* é uma forma voluntária e prazerosa de se relacionar com os outros. Cada um busca agrupar-se, num conjunto, ou seja, agregar-se segundo a natureza. Mas o sábio busca o convívio com afins por natureza, mas também por conveniência (*ophéleia*). O que convém a todos é não sofrer danos, mas para o sábio é preciso também livrar-se da ignorância e das crenças vazias que levam os homens a cometerem injustiças uns aos outros. Desse modo, a amizade filosófica é diferente das relações que comportam atitudes que levam ao desconforto e produzem o desequilíbrio. O que é conveniente (*sýmpheron*) é semelhante na atitude e na reflexão. Há uma medida, um cálculo, um sentido de harmonia para realizar a amizade. A amizade é na prática a sabedoria de viver em conjunto. A amizade resulta do equilíbrio de interesses daqueles implicados na relação. Ela nasce de maneira espontânea, mas se consolida pela reflexão acerca da naturalidade da vida em conjunto e do comedimento que equilibra os modos de agir, esta é uma possível interpretação do que Demócrito pensou sobre a amizade: "Acordo no pensar engendra a amizade" (DK, B, II, 33, 9).

A *philia* supõe uma afinidade de pensamento e também de ação, uma vez que as relações se efetivam na busca em conjunto da *physiología*, da compreensão da realidade. Neste sentido, a prática de vida é sábia e o saber se faz em torno da vida. Epicuro mantém a naturalidade da amizade e faz dela a base do movimento de agregação social. Sendo possível a amizade, também será o direito e a política. O direito é fruto da relação entre *phýsis* e *nómos*, e a política se realizará no acordo entre semelhantes. Na prática, Epicuro pensou em comunidades de pensamento e ação. De alguma maneira ele buscou tornar possível uma comunidade de amigos, estabelecendo uma descontinuidade com o espaço público das cidades. A *philía*, que é a base das relações existentes na comunidade, não é *a priori* fruto de um contrato, uma vez que é imanente à natureza. O contrato é uma consequência, é um

acordo entre modos de pensar. Mas o que move o pensamento na realização do acordo é o sentimento de equilíbrio, segurança e a tranquilidade que a amizade produz. Portanto, a amizade brota de desejos naturais e necessários e se expressa no *logos*, sob a forma de acordos que são estabelecidos segundo a conveniência mútua (*ophéleia*). Pensar-se a si próprio e ter o princípio de suas ações em si mesmo qualifica o homem para a aquisição e manutenção da amizade. De outra maneira, no vazio das reflexões são projetadas as falsas opiniões, ou opiniões vazias, que alimentam crenças e desejos imoderados, às vezes naturais, às vezes não, mas quase sempre desnecessários. Esses desejos, crenças e falsas opiniões cumulam em injustas agressões, disputas pelo poder, desconfiança, insensatez e angústia:

"A justiça não era a princípio algo em si e por si, mas nas relações recíprocas dos homens em qualquer lugar e a qualquer tempo é uma espécie de pacto no sentido de não prejudicar nem de ser prejudicado" (DL, X, 150).

E também:

"Para todos os seres vivos incapazes de estabelecer pactos com o intuito de não prejudicar os outros e de não ser prejudicados, nada era justo ou injusto. Acontece o mesmo em relação aos povos que não podiam, ou não queriam estabelecer pactos destinados a não prejudicar e não ser prejudicados" (DL, X, 150).

É preciso, entretanto, atentar para o que assevera Epicuro, que não foi, nem pretendeu ser, um pensador político. Ele disse orientar o modo de vida filosófico, só se dá pela *philia*. A conveniência mútua além de propiciar o pacto de não sofrer nem cometer danos uns aos outros, dá sentido à união entre os homens, que se caracteriza pela afinidade, e não pela simples contenção das diferenças: "Toda a amizade deve ser buscada por ela mesma, mesmo

que ela tenha sua origem na necessidade de uma ajuda" (SV, 23).

Epicuro, mais uma vez marcando uma diferença em relação aos cirenaicos, não reduz a amizade ao seu caráter utilitário, mas afirma a conveniência inerente à busca e manutenção da amizade. Para ele, que concorda com Aristóteles, o sábio pode proporcionar ao outro homem uma amizade digna dos melhores homens, ou daqueles dotados de *logismós* e de *phrónesis*, pois a amizade, que nasce da conveniência, também se alimenta dela, ou seja, ela produz acordo entre ideias e atitudes. Também para Epicuro, o propósito da amizade é o de ser, na prática, a comunhão de uma mesma filosofia. Neste sentido, é íntima a relação entre a amizade e o bem, que é o prazer, pois, dentre outras coisas, a amizade mostra-se isenta de paixões, tais como o ódio, o rancor e a veneração. Além disso, a amizade não cumula em reação, pois é a expressão de união e equilíbrio entre aqueles que se afinam mutuamente, pela natureza de caráter e sabedoria: "Aquele que é bem-nascido se dedica principalmente à sabedoria e à amizade: dois bens, dos quais um é mortal, e o outro imortal" (S.V. 78).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRIGHETTI, G. (1960) *Epicuro – Opere*. Introduzione, texto crítico e note, Torino, Giulio Einaudi Editore.
- BOLLACK, J. (1975) *La pensée du plaisir*. Paris, Les Éditions de Minuit.
- CICÉRON. (1970). *Ouvres*. Paris, Les Belles Lettres.
- ÉPICURE. (2009) *Lettre à Ménécée*. Présentation et notes par Pierre-Marie Morel, Paris, Éd. Flammarion.
- LAERTIOS, D. (1979) *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília, UNB.
- LONG, A.A. et SEDLEY, D. N. (2001) *Les Philosophes Hellénistiques* Vols. I et II. Paris, Éd. Flammarion.
- PLATÃO (1974) *Filebo*, Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém, Universidade Federal do Pará.
- SILVA, M. F. (2003) *Epicuro, sabedoria e jardim*, Rio de Janeiro, Relume Dumará.